SBP 1.17.1
nr.2
f.1

UM NÃO-EPITAFIO

Em Setembro último os jornais do Brasil noticiaram o falecimento de Samuel Barnsley Pessôa.

Não foi apenas entre nós que a noticia causou consternação. Pessôa foi homenageado, por exemplo, pelo pesquisador britanico Garnham, no no.5599 da renomadissima revista de ciências NATURE:

Aluno - 1

Para seus amigos, Pessôa não morreu.

Engano, Mr. Garnham, lêdo engano-Samuel Pessôa não morreu, acompanhei o feretro ao Cemiterio da Consolação, em S.Paulo, mas mantive os olhos sêcos. Pessôa não "foi"-Pessôa "é".

(Colocar a foto diante de mim, na mesa.)

Mante-lo vivo é uma imposição que nós fazemos a nós mesmos, pois é a única maneira de escapar ao desolador sentimento da solidão, do desespero de ver-nos pequenos diante das injunções do mundo. Homens assim não devem morrer, senão com eles morrerá o amor, a alegria, a esperança, a picardia, a coragem de dar murro em ponta de faca.

Porém, há um outro aspecto. É o proprio realismo de quem observa o progresso da civilização-nas ciências exatas, nas ciências humanas, na arte-que me autoriza a falar em Pessôa no tempo presente. As pegadas que o homem deixa atrás de si, não é qualquer ventinho atôa que as fará desaparecer, desde que outros as repisem com passo firme, aprofundando-as. Aquele ditado chinês deve ser de todos conhecidos. "O homem para se perpetuar, precisa ter feito 3 coisas: plantar uma arvore, escrever um livro, ter um filho."

Não sei se Samuel plantou uma arvore. Seguramente escreveu um livro-mais que um, redigiu trabalhos cientificos, uma legião de trabalhos. Mas mais do que isso ele fez, muito mais: deixou centenas de filhos pelo mundo afóra, descendentes senão em termos de cromossomos, pelo menos em forma de sonhos herdados, de aspirações mantidas vivas, de um espirito de luta que tentamos não deixar esmorecer.

Alguns de seus discipulos já esqueceram quanto a ele devem, por falta de sensibilidade ou por comodismo, Outros acreditando que tudo que possuem se deveu ao proprio esforço. Não importa-mesmo neles Pessôa continua, embôra anonimo, a dar colorido aos gestos.

Outros reconhecem a divida, e firmemente repisam as pégadas que ficaram na areia, sabendo quem as poz aí.

É lícito, perfeitamente apropriado, que um encontro Cientifico de estudantes decida homenagear um cientista. Mas, indagará o observador casual, o observador ingenuo, e o observador de sorriso sarcastico, porque justo Samuel Pessôa? Não haveria outros?

Sim, cientistas existem muitos, assim como existem advogados ás pencas, artistas, politicos, homens que aprenderam um oficio e que dele se utilizam como instrumento do dia-a-dia. Existem engenheiros também, arquitetos aos milhares, a levantar seus monstros de concreto sobre qualquer palmo de terra desabitado.

Mas quantos deles constroem catedrais? eu vos pergunto, quantos constroem catedrais? ...

Para Pessôa a ciência não é fim mas um meio, não é instrumento mas doutri-